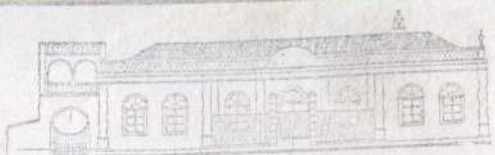


P.º JOSÉ CABRITA



HISTÓRIA BREVE  
DO  
SEMINÁRIO EPISCOPAL  
DE SÃO JOSÉ  
DE FARO

Edição do Seminário  
FARO — 1985



Casa da Cultura António Bentes  
S. Brás de Alportel

~~2-33~~  
Biblioteca

Inv. N.º 2001

Cota N.º 000

P.<sup>e</sup> JOSÉ CABRITA

HISTÓRIA BREVE  
DO  
SEMINÁRIO EPISCOPAL  
DE SÃO JOSÉ  
DE FARO

**Edição do Seminário**  
**FARO — 1985**

## NOTA

É de todos conhecido o entusiasmo com que Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Dom Ernesto se tem dedicado à restauração do Seminário da sua Diocese do Algarve.

Para animar os fiéis a colaborar nesta obra tão necessária e tão ingente, entendeu S. Ex.<sup>ª</sup> Rev.<sup>me</sup> que era conveniente dar a conhecer a sua história numa forma breve mas suficientemente clara, numa pequena *plaquette* se fosse possível.

Quis o Senhor Bispo que fosse eu a encarregar-me desse trabalho. Fiz o possível para resumir, sem obscurecer, e assim nasceram estas breves páginas, que ofereço aos leitores, enquanto não posso publicar aquela desenvolvida história do Seminário de Faro com que sonhei desde os meus tempos de seminarista e a que o Seminário tem todo o direito.



*A estátua do Fundador do Seminário  
D. Francisco Gomes do Avelar  
inaugurada em 1940*

## INTRODUÇÃO

1. A formação do clero foi sempre uma constante da história da Igreja. O próprio Senhor Jesus Cristo deu o exemplo educando os Apóstolos desde o começo da Sua vida pública. Os Apóstolos, apesar da acção especial do Espírito Santo nos primórdios da expansão da Igreja, fizeram o mesmo na escolha



*COLÉGIO DE S. TIAGO MAIOR, DA COMPANHIA DE JESUS, em Faro (hoje Teatro Letes), a mais importante das escolas que precederam o Seminário na formação do clero do Algarve.*

e preparação dos presbíteros e diáconos. S. Paulo aconselha o seu discípulo Timóteo a que não seja demasiado apressado em ordenar os sacerdotes. Desde que temos documentos, começamos a contactar com as escolas das catedrais, que iam formando o clero,

não só instruindo-o na doutrina que havia de ensinar ao povo de Deus mas também nas sagradas cerimónias e na prática da vida consagrada ao Senhor. À medida que os adolescentes se iam preparando, iam-lhes sendo confiados ofícios e ministérios na liturgia: cantores, ostiários, leitores e acólitos, depois exorcistas e subdiáconos. Só depois de uma longa caminhada recebiam a ordem sagrada do Diaconado e finalmente o Presbiterado.

2. Quando, depois da conquista portuguesa, e restaurada a Diocese do Algarve, com a Sé em Silves, o antigo presbitério episcopal aparece organizado sob a forma de Cabido da Catedral, é ele o encarregado da preparação do clero. Por isso havia entre os seus membros os ofícios de Mestre-escola, que dirigia os primeiros passos dos alunos nos estudos das letras, sobretudo do latim, o de Chantre, encarregado do ensino do canto litúrgico, o Teologal, Mestre de Teologia e o Doctoral, que ensinava o direito eclesiástico.

Mais tarde estes dois últimos ofícios foram atribuídos a Mestres da universidade de Coimbra e o ensino da Teologia passou a fazer-se nos conventos dos Agostinhos de Tavira, Loulé e Lagos.

3. O Concílio de Trento renovou a legislação da Igreja sobre a escolha e formação do clero e criou os Seminários (sessão XXV), ordenando que em cada diocese houvesse um Seminário. As dificuldades foram grandes na execução deste decreto e a Santa Sé transigiu em que a formação do clero fosse confiada aos Jesuítas, mesmo em regime de externato, onde eles tivessem Colégios.

Ora, no Algarve, eles tiveram dois colégios: o de Faro, desde 1616, e o de Portimão, desde 1663, até à sua extinção em 1759.

Em 1741 o Arcebispo-Bispo D. Inácio de Santa Teresa resolveu estabelecer no antigo Paço de D. Afonso de Castelo-Branco (mais tarde incorporado no edifício do Seminário) um internato para os Ordinandos, ainda que eles continuassem a frequentar as aulas do Colégio de São Tiago Maior. Supomos que este regime continuou até à expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal.

4. Com o desterro do Arcebispo-Bispo D. Fr. Lourenço de Santa Maria, a formação do clero algarvio ficou descurada durante um quarto de século. D. André Teixeira Palha, seu sucessor, resolveu instituir, no edifício de D. Afonso de Castelo Branco, um curso trienal de aulas eclesiásticas: Teologia Dogmática, Moral, Direito Canónico, Liturgia e Canto.

## I. A FUNDAÇÃO DO SEMINÁRIO

1. O imediato sucessor de D. André Teixeira Palha foi o oratoriano D. José Maria de Melo, que logo se convenceu de que não bastava as Aulas Eclesiásticas para a boa preparação do clero



*O MENINO JESUS ENTRE OS DOUTORES, quadro de Marcelo Leopardi, do altar-mor da capela, hoje no Museu Municipal. Na porta da capela, a dedicação: DEI SAPIENTIAE / AD HOMINUM SAPIENTIAM AVDIENDAM / SE DEMITTENTI / SACRUM, isto é: «Consagrada à Sabedoria Divina, que se digna ouvir a sabedoria dos homens».*

mas era preciso um verdadeiro Seminário. Imediatamente começou a tratar dele e a juntar meios para o mesmo. A glória da fundação estava reservada ao seu confrade e sucessor D. Francisco Gomes do Avelar, mas D. José Maria, transferido para confessor da Rainha e Inquisidor Geral, sempre considerou o Seminário de Faro como obra sua e lhe deixou a sua preciosa livraria e duas quintas que possuía no Lumiar e em S. João da Talha, de que o Seminário apenas gozou uns quatro anos, pois o pleito posto pela família do doador só foi sentenciado em favor do Seminário em 1829 e logo em 1834 D. Pedro IV confiscava todos os bens da Igreja.

2. D. Francisco Gomes do Avelar, entrando na Diocese em Maio de 1789, logo renovou as diligências de D. José Maria de Melo para aplicar à Fábrica do Seminário quatro meias-prebendas que seriam extintas no Cabido da Sé, e o «Benefício Grande» da Colegiada de S. Pedro de Faro. Aproveitou, sem alterações, a antiga casa de D. Afonso de Castelo Branco, que vinha de 1585, na qual apenas enquadrou a nova capela, e nela continuaram instaladas as aulas. Construiu de raiz, segundo a planta de Fabri, a sul dessas aulas, a parte destinada ao internato dos alunos: quartos, cozinha e refeitório, oficinas e sala de visitas.

3. Em fins de 1797 ainda não estava construído o refeitório e a cozinha ainda não estava capaz de funcionar, mas aproveitando a chegada a Lisboa de dois religiosos italianos da Congregação da Missão, os Padres Ansaloni e Maffei, que voltavam de Goa, onde tinham instalado um novo Seminário, convidou-os para virem preparar a abertura do Seminário de Faro. Chegaram em Novembro e tudo se acelerou, de modo que se pôde fazer a solene abertura do Seminário em 7 de Janeiro de 1797, dia da Sagrada Família com solene pontifical celebrado na capela por D. Francisco Gomes com a assistência do Cabido e mais clero e pessoas importantes da cidade.

O P. Ansaloni aceitou a reitoria da casa e o P. Maffei a direcção espiritual dos alunos, apenas por aquele ano, para o que tomaram como assistentes, respectivamente, os Padres João Coelho de Carvalho e António de Matos Malveiro.

O P. João Coelho de Carvalho, aluno das aulas eclesiásticas, ordenado havia pouco, assumiu a Reitoria em Julho de 1797 e nela se conservou até 1812, ano em que foi substituído pelo P. Francisco Jacques da Fonseca, e este em 1822 cedeu o lugar ao P. Manuel Inácio da Graça, que esteve no cargo até o encerra-

mento do Seminário em 1834. Todos foram depois cónegos, o primeiro como arcediogo de Tavira e o último como chantre. O P. Malveiro foi substituído na direcção espiritual pelos religiosos capuchos em 1801, foi pároco de Olhão e de Boliquiteime.

4. Além das pré-existentes aulas eclesiásticas, D. Francisco Gomes, para facilitar a manutenção do Seminário, obteve a inclusão nele das aulas públicas de letras que havia na cidade. Não tardou a verificar que não era boa a comunicação dos seminaristas nas aulas com os alunos seculares, sobretudo por ocasião da estadia em Faro das tropas francesas (1808), em que o Reitor chegou a pedir a demissão. Os estatutos bastante simples e suaves do Seminário tiveram então de ser apertados. Outro caso sério provocado por esta comunicação com os externos se deu em 1829 e o Bispo D. Bernardo António de Figueredo teve de tomar medidas enérgicas, que os jacobinos não levaram a bem, caluniando o Bispo e o Reitor P. Manuel Inácio da Graça.

5. Os meios materiais que o Seminário dispôs neste período foram sempre muito restritos: os rendimentos agenciados por D. Francisco Gomes ou não chegaram a ter a sua aplicação ou vieram muito tarde. As mesadas dos seminaristas porcionistas eram pequenas e os seminaristas alunos ou gratuitos nada pagavam. Por isso nas férias todo o pessoal passava a comer à mesa do Paço Episcopal.

6. Entre os professores do Seminário de Faro neste período houve alguns excelentes, como o professor da latinidade Dr. Ventura José Crisóstomo e Silva, leigo que prestou à Igreja ótimos serviços em muitos campos; mas o mais notável de todos eles foi o Dr. Francisco Alexandre Lobo, depois Bispo de Lamego.

7. Entre os alunos citemos os Padres Vicente Maior do Rosário, que já em seminarista se mostrou pedagogo e mais tarde com os seus «canários» havia de sustentar o esplendor do culto em muitas freguesias do Algarve; os Padres António Caetano da Costa Inglês e João da Paiva Correia, que supriram a falta do Seminário, preparando sacerdotes no período de 1834 a 1851; o P. António Joaquim de Amor, que governaria a Diocese em período difícil (1873-1885), até aos 91 anos da sua idade e sobretudo o P. António José dos Reis, que veio a ser o «santo Vice-Reitor» do Seminário restaurado, de 1851 a 1882.

## II. NA BALBÚRDIA DO LIBERALISMO

1. O período que se seguiu a Évora-Monte, se na política foi um caos, em matéria religiosa foi um desastre, que chegou mesmo à perseguição e ao cisma. Os Seminários foram fechados, muitos sacerdotes tiveram que se exilar, as Ordens religiosas masculinas destroçadas e as femininas proibidas de receber noviças, os bens da Igreja confiscados, os dízimos proibidos. Muitos Bispos foram expulsos das suas Dioceses e estas entregues a administradores cismáticos.

Assim aconteceu também no Algarve, onde foi expulso o Bispo D. Bernardo António de Figueredo e nomeados governadores temporais, mas que tudo mandavam mesmo no espiritual, o Cónego Rasquinho e depois o Dr. António de Santo Ilídio da Fonseca. Em estado de cisma esteve também o primeiro Bispo nomeado nesta época, D. António Bernardo da Fonseca Moniz, que a Santa Sé só veio a legitimar com a Concordata de 1848. Foi um longo tempo de desordem, que só não teve efeitos mais nefastos porque nem o clero nem os fiéis tiveram consciência do estado de real separação da Igreja em que se vivia.

2. O Seminário de Faro foi obrigado a cerrar as portas, embora não fosse tirado à administração da Igreja. Ficou como seu ecónomo o ex-prefeito da disciplina P. Clarinho. Todas as despesas corriam a cargo dos poucos rendimentos que restavam à Diocese; mas o Seminário era apenas hospedaria dos oficiais e tropas, que de Tavira passavam para Lagos e vice-versa. Aqui encontravam cama e comida e roupa lavada gratuita, tudo à custa do Seminário.

No edifício do Seminário continuavam as escolas públicas de Latindade, em 1848 transformadas em Liceu Nacional.

3. Apesar da proibição de exercício da paroquialidade aos padres «não afectos à causa da Rainha» e do exílio de alguns, não se sentiram nos primeiros anos os efeitos do encerramento do

Seminário, porque muitos religiosos «egressos» foram recebidos nos ofícios paroquiais.

Mas não tardou que se começasse a sentir a necessidade da renovação do clero que ia morrendo ou envelhecendo e de dar satisfação aos jovens que aspiravam a consagrar-se a Deus servindo os irmãos no sacerdócio. Foi então que o P. António Caetano da Costa Inglês, primeiro na sua paróquia de Santa Maria de Lagos e mais tarde na de S. Brás de Alportel, e o P. João da Paiva Correia em Moncarapacho transformaram seus presbitérios em autênticos Seminários, leccionando com notável competência e brilho todo o curso teológico, a ponto de o Bispo D. António Bernardo dispensar de exames para Ordens os candidatos por eles apresentados. O mesmo fazia, em Tavira, sua terra natal, o P. Vicente Maior do Rosário, sendo os seus «canários» convidados para as cerimónias da Semana Santa para todo o Algarve.

### III. O SEMINÁRIO RESTAURADO

1. Restabelecidas as relações do Governo português com a Santa Sé pela Concordata de 1848, D. António Bernardo da Fonseca Moniz foi trasladado para a Diocese do Porto. O seu sucessor no Algarve, D. Carlos Cristovão Genuês Pereira tratou de reorganizar o Seminário. Começou por criar em 1851 o curso trienal de Aulas Eclesiásticas trasladando para Faro os Padres Costa Inglêss e Paiva Correia e juntando-lhe seu irmão P. José Manuel Genuês Pereira. Entretanto procurava meios de sustentar o Seminário, aplicando-lhe os rendimentos da «capela» de Bento de Araújo, que excediam o cumprimento dos legados pios e obtendo um subsídio da Bula da Santa Cruzada.

2. Assim, a partir de 1853, já os alunos das Aulas Eclesiásticas passavam a alunos internos do Seminário e juntando-se-lhes mais alguns. A abertura das aulas fez-se no terceiro domingo de Outubro com missa de solene pontifical. Porque se celebrava o Patrocínio de S. José e porque se tinha visto um antigo recibo pago ao Seminário de S. José de Faro, D. Carlos determinou que doravante o Seminário se chamasse SEMINÁRIO EPISCOPAL DE S. JOSÉ DE FARO.

Pela Concordata de 1848, como reparação dos bens eclesiásticos usurpados, o Governo comprometia-se a sustentar os Cabidos e os professores dos Seminários; mas para ensinar Teologia eram nomeados quatro cônegos com onus de ensino e para os estudos de «preparatórios» os alunos eram obrigados a frequentar as aulas do Liceu, aliás estabelecido no edifício do Seminário.

3. A vida do Seminário nesta segunda metade do séc. XIX divide-se em dois grandes períodos:

a) O da Vice-Reitoria do «santo Vice-Reitor» P. António José dos Reis (Os Prelados reservavam para si o título mais honorífico que real de Reitor). O P. António, natural de Faro, ordenado presbítero em 1826, exilara-se em França, onde estivera quase

a entrar na Companhia de Jesus restaurada, mas regressou a Portugal, onde introduziu a devoção aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria. Era pároco de Estômbar e não renunciou à paróquia ao vir para o Seminário, passando nela todas as férias, sempre atento ao bem da sua grei. O seu governo no Seminário foi todo segundo o espírito de D. Francisco Gomes, muito paternal, atraindo a confiança dos alunos mesmo dos mais irrequietos. Importava-lhe sobretudo a piedade e o zelo dos seminaristas. Filhos do seu coração foram, sobretudo, o P. Bernardo Cabrita, de Pera, que ele chamava «verdadeiro israelita em quem não há dolo», que vendera a sua legítima para custear as despesas do Seminário e que depois de ter sido prefeito e professor de canto no Seminário e capelão do Carmo, morreu em Faro em odor de santidade em 31-1-1903, no mesmo dia que chegava a nomeação para cónego; e José Sebastião Neto, de Lagos, que estivera para deixar o Seminário por uma quadrilha de saltimbancos, mas que o santo Vice-Reitor transformou num santo, que foi ajudador de Boliqueime, religioso franciscano, Bispo de Angola e Congo e Cardeal Patriarca de Lisboa, a que renunciou, morrendo como santo, em Tui, em 1922. Outro seu discípulo aproveitado foi o P. Venceslau Ferro, de Tavira, que paroquiou Alcoutim e depois professou na Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo.

Vários outros discípulos seus, zelosos e sabedores, podiamos enumerar, como os Padres Antão Inácio de Figueredo, seu substituto e sucessor na paróquia de Estômbar, como o P. Passos Pinto de S. Brás, onde faleceu pároco em 1935 ... Alguns brilharam também na ciência e nas letras, como o Cónego Diogo Gomes Paulo, de Albufeira ou o P. Dr. Francisco Xavier de Ataíde Oliveira, do Algoz...

Por vontade sua, é no cemitério de Estômbar, entre os seus paroquianos, que seus ossos esperam a ressurreição dos justos.

b) Nos últimos dois anos do seu governo, o P. António teve como coadjutor e depois como sucessor o P. Joaquim Maria Pereira Boto, que pouco depois seria Cónego da Sé de Faro e Monsenhor. Natural de Alhandra, fora convidado a dirigir o Seminário de Rachol (Goa), de que não chegou a tomar posse por morte do Patriarca que o chamara. Veio então para o Algarve. Tinha uma excelente cultura não apenas eclesiástica mas também profana e grande cuidado do decoro e da ordem e facilidade de relacionamento social. Soube apreciar muito o seu antecessor mas o seu temperamento levava-o por outros caminhos. Foi sobretudo o

homem da disciplina, mas não da rispidez, e da cultura. Para o Seminário redigiu uns minuciosos Estatutos, que ainda existem na preciosa caligrafia do aluno Marcelino António Maria Franco. O Seminário de Faro foi apresentado como modelar no Congresso Pedagógico de Coimbra de 1896. A Mons. Boto se deve em grande parte a criação do Posto Meteorológico de D. Francisco Gomes



*Nesta página e na seguinte, os dois mais ilustres alunos do Seminário de Faro: Cardeal D. José Sebastião Neto, Patriarca de Lisboa, e D. Marcelino António Maria Franco, Bispo do Algarve*

e do Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique. No seu tempo e por influência das encíclicas de Leão XIII começaram os seminaristas a ter alguma acção social e cultural. Além de terem internamente uma Academia de Santo António, tiveram uma escola

de alfabetização de jovens operários, segundo o método então entusiasticamente usado de João de Deus.

4. Em 1901, Mons. Boto saiu para Lisboa, para Cónego da Patriarcal e director do Museu dos Coches. Sucedeu-lhe na Vice-Reitoria o Cónego José de Sousa Guerreiro, de Lagoa, e a este, em 1904 o Cónego Marcelino Franco.

5. Entre os professores do Seminário deste período da sua restauração, além daqueles a que já fizemos ocasionalmente refe-



rência, lembremos ainda o P. José Maria Reis, notável orador sagrado, os Cónegos Gomes Paulo e António Fernandes da Cruz David, os Cónegos Botelho Furtado e Joaquim Martins Pontes. Entre os leigos, professores do Liceu e do Seminário, citemos Xavier Rodrigues, pelas suas obras para o ensino do latim, e José Francisco dos Guimarães, tavnense e autor da letra e música do Hino do Seminário.

6. Tal como acontecera nos tempos de D. Francisco Gomes e de D. Bernardo António de Figueredo, também na época do Seminário restaurado (e a experiência repetiu-se em toda a parte) não dava bons frutos a promiscuidade entre os seminaristas e os estudantes do Liceu. D. António Mendes Belo, chegado ao Algarve em 1885 não tardou em reconhecê-lo e lutou durante dez anos perante o Governo e na Câmara dos Pares do Reino para alcançar que os seminaristas tivessem aulas próprias, separadas das dos alunos de fora. Mas não foi o suficiente para extirpar todas as influências funestas, outros dez anos houve de porfiar até alcançar em 1906 que o Liceu fosse transferido para o edifício então construído junto da Alameda.

7. Nunca faltaram no Algarve as vocações necessárias para o serviço da Diocese nem para as ordens religiosas que nele se estabeleceram. Nos últimos tempos antes da Revolução Republicana eram muitos os alunos externos de preparatórios do Seminários por não haver lugar para eles no edifício do Seminário. D. António Barbosa Leão chegou mesmo a alimentar o projecto de construir mais um andar no Seminário. Tudo se gorou com a implantação da República...

#### IV. TEMPESTADES E BONANÇAS

1. A República maçónica instituída em 5 de Outubro de 1910 pôs imediatamente em vigor as leis anti-religiosas de Pombal e do Mata-Frades, agravando-as porém. Foram confiscadas as



*O SEMINÁRIO DA RUA DO MUNICÍPIO — Fachada da Rua do Município: no rés-ão-chão — camarata, Câmara Eclesiástica e quartos dos criados; no andar nobre: salas de visitas do Paço e do Seminário; no andar de cima: a camarata de 1924*

vivido no Sminário e para o Seminário desde que, aos treze anos saíra da direcção do seu parente P. Venceslau Ferro em Alcoutim, continuou sempre a ser o director e professor do Seminário, enquanto as forças lho permitiram, ainda que até 1940 o Cónego Dr. José dos Ramos Bentes estivesse como Vice-Reitor.

Apenas com uma média de sete padres a viverem (e não exclusivamente) para o Seminário, era possível atender à disciplina, à formação espiritual e às aulas tanto de Preparatório como da Filosofia e Teologia... E o aproveitamento tanto em qualidade



*Em 1942, seminaristas e professores celebram as bodas de prata das Aparições de Fátima e a Ordnação episcopal de Pio XII. Demonstração da piedade mariana e da devoção ao Papa em que sempre foram educados os nossos seminaristas.*

como em número não era mau. Basta dizer que tivémos uma média de aproveitamento de vocações de 25 p. c.

5. Mas todos aspirávamos a mais e melhor. Por isso, quando, em consequência da visita canónica do P. Pascal Piriou, em

1933, a Sagrada Congregação dos Seminários instou para que se mandassem os alunos de Filosofia e Teologia a estudar no Seminário Regional, fomos muitos os que rejubilámos, esperando que os nossos padres viessem melhor formados. Hoje, porém, comparando os resultados, temos de reconhecer que nem intelectual nem espiritualmente a média dos sacerdotes formados em Faro era inferior à dos que estudaram noutros Seminários: o que se sentiu foi um decréscimo posterior na percentagem das vocações



*Seminaristas e professores recebem em «Jornada de Amor e de Glória» a visita da veneranda Imagem da Capelinha das Aparições, na sua vinda ao Seminário, em Dezembro de 1947*

aproveitadas, até chegar a menos de 1 p. c. (ainda que isto tenha sido efeito da crise geral).

6. No fim de 1933, como conclusão de muitas diligências feitas desde a extinção do Regimento de Infantaria 33, foi feita a restituição à Igreja do terço sul do Seminário (não incluindo a portaria n.º 21). Tudo estava num estado deplorável: paredes esburacadas, nem uma só porta inteira, instalação eléctrica arran-

cada ... D. Marcelino tratou de reparar o mais urgente e já em 7 de Janeiro de 1934 nele pode acomodar os alunos do I ano de Preparatórios. O resto do edifício só foi entregue ao legítimo dono em 1940, felizmente em condições um pouco melhores, principalmente a parte que fora de D. Afonso de Castelo Branco e onde estivera o Distrito de Recrutamento e Reserva. Mas ainda tudo teve de ser reparado sob a gratuita e operosa direcção do saudoso engenheiro Joaquim Barata Correia, então Director de Estradas do Distrito.

Logo no verão desse ano se trasladou todo o Seminário e o Paço para o edifício restituído e ainda em obras, cedendo a casa da Rua do Município à Acção Católica Feminina e ao C. N. E.

Durante o governo de D. Francisco Rendeiro, este último edifício ainda serviu algumas vezes de dormitório dos seminaristas, que não cabiam todos no edifício que fora de D. Francisco Gomes.

Depois ventos malsãos soprados de longe deram origem à grande crise de que tentamos agora libertar-nos. Permita Deus que o consigamos, tendo coragem para aproveitar as lições da história e da experiência dos nossos dias. Que saibamos voltar às origens e à tradicional prudência da Igreja. Saibamos libertar-nos de mitos e cópias de tentativas falhadas.

Que o enorme esforço iniciado pelo Senhor Dom Ernesto Gonçalves Costa seja um dealbar de muitas vocações bem aproveitadas e bem formadas.

Faro, Natal de 1984

P. JOSÉ CABRITA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIPOGRAFIA UNIAO  
FARO — 1985



*Na capa e contra-capa dois aspectos da frontaria do Seminário. Na frente, a parte norte: o antigo paço de D. Afonso de Castelo Branco até à fiteira de pedra que divide ao meio a frontaria. Por detrás da capela, vê-se a Estação Meteorológica, desaparecida em 1966.*

*Nesta face, a parte sul, edificada por D. Francisco Gomes. Em ambas as fotos, a estátua do Bispo Fundador.*

---

Quase todas as gravuras deste opúsculo são reproduzidas do «SEGUE-ME», mensário que os seminaristas do Algarve briosamente redigiram de 1947 a 1949.

---